

O CALVINISMO E A PREGAÇÃO INDISCRIMINADA DO EVANGELHO

*Dario de Araújo Cardoso**

RESUMO

É comum o pensamento que considera a doutrina da eleição oposta e incompatível com a pregação do evangelho a todas as pessoas. Argumenta-se que se Deus, pela eleição, determinou quem receberá a salvação, não é correto requerer de todos os homens que se arrependam e creiam no evangelho. A partir desse pensamento surgiram aqueles que rejeitam a doutrina da eleição e outros que negam que a pregação deva ser dirigida a todos indistintamente. Esse dilema foi apresentado a Calvino e aos calvinistas que compuseram os Cânones de Dort e foi rejeitado por ambos. O presente artigo faz uma pesquisa bibliográfica apresentando trechos das *Institutas* de João Calvino e dos Cânones de Dort que refutam o dilema e apresentam o pensamento calvinista que relaciona eleição e pregação não apenas como compatíveis, mas como mutuamente dependentes. Ilustraremos o tema descrevendo o argumento arminiano e sua relação com o hipercalvinismo e a resposta calvinista no contexto das igrejas reformadas de tradição holandesa.

PALAVRAS-CHAVE

Eleição; Pregação do evangelho; Calvinismo; Arminianismo.

INTRODUÇÃO

É comum ouvir que o calvinismo, especialmente no que diz respeito à sua doutrina acerca da eleição, tem inibido ou constitui-se num desestímulo

* Mestre em Teologia e Exegese pelo CPAJ, Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutorando do Programa de Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Professor assistente de Teologia Pastoral no CPAJ. Coordenador e professor do Departamento de Teologia Exegética do Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. Membro da equipe pastoral da Igreja Presbiteriana do Centenário, em São Paulo.

à pregação do evangelho.¹ Calvino aponta que já em sua época a pregação indiscriminada do evangelho era utilizada como um argumento que contraria a doutrina da eleição, por não se harmonizarem.² Frequentemente apresenta-se o dilema de que a crença na doutrina da predestinação torna a pregação desnecessária, pois, uma vez que está determinado o número dos salvos, pouco importa o esforço de pregar a todos. Argumenta-se também que, quando se afirma a doutrina da eleição, a pregação perde sua sinceridade e veracidade, uma vez que se oferece algo que alguém, caso não eleito, mesmo que desejasse não poderia obter.

Neste artigo realizamos um levantamento bibliográfico quanto ao ensino calvinista sobre a necessidade de pregar o evangelho a todas as pessoas sem distinção e o modo como tal necessidade se relaciona com a doutrina da eleição. Primeiramente, será exposto o pensamento de Calvino sobre a pregação do evangelho, tendo como fonte principal as passagens das *Institutas* que tratam dessa questão. Depois, semelhante pesquisa será feita nos Cânones de Dort, uma vez que eles são reconhecidos como uma reafirmação do calvinismo frente ao surgimento do arminianismo na Holanda. Em seguida, serão ilustrados os desdobramentos do ensino dos Cânones de Dort sobre pregação e predestinação nos escritos de três autores reformados que discorrem sobre o tema. São eles David Engelsma, Henry Petersen e Homer Hoeksema. Por fim, concluiremos com observações pessoais. Procuramos assim demonstrar que o calvinismo histórico dá total e irrestrito incentivo e liberdade à pregação indiscriminada do evangelho e, sem negar ou menosprezar a doutrina da eleição, conclama a todos em toda parte a que se arrependam e creiam no evangelho de Jesus Cristo para a salvação.

1. CALVINO SOBRE A ELEIÇÃO E A PREGAÇÃO DO EVANGELHO

Em suas *Institutas*, no livro 3, capítulo 22, seção 10, Calvino refuta alguns argumentos de seus contemporâneos que contrapunham a doutrina da eterna predestinação e a pregação do evangelho. Calvino apresenta a seguinte questão:

Há quem objete dizendo que Deus seria contrário a si mesmo se a todos, universalmente, convide a si, porém admita a poucos. Sendo assim, a universalidade das promessas, segundo eles, anula a distinção da graça especial [predestinação].³

¹ E.g., VANCE, Laurence M. *The other side of Calvinism*. Pensacola: Vance Publications, 1991, p. 270.

² Cf. CALVINO, João. *As Institutas: edição clássica*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, vol. 3, p. 405s (III.22.10).

³ *Ibid.*, vol. 3, p. 405 (III.22.10).

Em tese o que se quer dizer é que se deve escolher entre pregar o evangelho a todos os homens ou crer que Deus separou alguns para si através da predestinação. Manter os dois conceitos seria atribuir contradição a Deus. Diante disso, Calvino se dispõe a demonstrar “... como a Escritura concilia essas duas coisas, a saber, mediante a pregação exterior, são todos chamados ao arrependimento e à fé, entretanto, nem a todos é dado o espírito de arrependimento e fé...”⁴ Vê-se que a opção proposta não é necessária no entender de Calvino. A pregação deve ser dirigida a todos, ainda que apenas alguns sejam agraciados com o “espírito de fé e arrependimento” necessários à salvação.

Primeiramente, Calvino refuta a ideia de que a promessa de salvação é oferecida a todos. É conhecido o pensamento de Calvino de que as promessas de salvação são eficazes exclusivamente nos eleitos. Ele afirma claramente: “Os que querem que a doutrina da vida se proponha a todos, para que todos aproveitem dela eficazmente, se enganam sobremaneira, visto que ela só se propõe aos filhos da Igreja”.⁵ As promessas da salvação são abusadas quando apresentadas como efetivamente disponíveis a todos.

Em seguida, Calvino observa que, embora a mensagem da salvação seja amplamente proclamada, a fé é um dom especial e raro. Ele diz:

Ainda que a voz do evangelho se dirija a todos em geral, no entanto, o dom da fé é algo raro. Isaías assinala a causa: que o braço de Deus não se manifesta a todos [Is 53.1]... [O profeta] ensina que a fonte da sua cegueira [dos homens] é o fato de Deus não se dignar manifestar-lhes seu braço; somente adverte que, como a fé é um dom singular, em vão são os ouvidos reprovados pelo ensino exterior.⁶

Vislumbra-se a concepção de Calvino de que a pregação do evangelho não se apoia na disponibilidade de salvação a todos, e que este nem deve ser assim apresentado, pois a salvação está reservada somente para os eleitos. Gaspar Oleviano, fazendo introdução às *Institutas*, escreve o seguinte:

... o Espírito Santo não enxerta todos os homens em Cristo, ou outorga-lhes a fé, e aqueles a quem ele assim outorga não ordinariamente o faz sem o uso de meios, mas usa para este propósito a pregação do evangelho e a dispensação dos sacramentos, junto com a administração de todo o tipo de disciplina...⁷

Ou seja, para Calvino a pregação do evangelho deve ser vista como meio pelo qual o Espírito une a Cristo, não todos os homens, mas aqueles que ele quer.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

⁶ Ibid., p. 406.

⁷ OLEVIAN, Gaspar. *Method and Arrangement*, p. 43. In: The Comprehensive John Calvin Collection. CD-ROM, Versão 1.0. Albany: Ages Software, 1998.

A teologia de Calvino sobre a pregação está bem representada nas *Institutas*. Ele afirma que, antes da vinda de Cristo, a palavra de Deus era dada como privilégio a Israel, enquanto as demais nações permaneciam perdidas. Mas, com a vinda de Cristo, tal diferenciação foi abolida. Ele escreve:

[...] mediante a comunicação de sua palavra, a si o [o povo de Israel] uniu de tal sorte que fosse chamado e fosse tido por seu Deus. Enquanto isso, deixava que os demais povos andassem em fatuidade [At 14.16], como se consigo nada tivessem de relação e intercurso; nem, para que lhes curasse o mal, propiciava o que era o único remédio, a saber, a pregação da Palavra. Foi assim que Israel veio a ser, então, o filho querido do Senhor; os demais eram estranhos; [...] Quando, porém, veio a plenitude dos tempos [Gl 4.4] destinada à restauração de todas as coisas [Mt 17.11], e foi revelado esse reconciliador de Deus e dos homens, destruída a muralha que, por tão longo tempo, mantivera a misericórdia de Deus confinada aos limites de Israel, foi anunciada a paz aos que estavam longe, não menos aos que se achavam perto, para que, juntamente reconciliados com Deus, se unissem em um só povo [Ef 2.14-17]. Por isso, agora nenhuma distinção há de grego ou judeu [Gl 3.28], de incircuncisão ou circuncisão, mas “Cristo é tudo em todos” ...⁸

Nota-se que a restrição à pregação da palavra era, para Calvino, o sinal da distinção entre Israel e as demais nações no Antigo Testamento. Jesus Cristo, em seu advento, eliminou essa restrição e, por sua determinação, o evangelho deve ser pregado a todas as nações. Sendo assim, uma vez que a restrição não mais existe, a pregação não só está ao acesso de todos os povos, mas deve ser levada a todos eles. Tal perspectiva é confirmada na descrição que Calvino faz da função apostólica:

Qual é a função apostólica se faz evidente à luz deste mandato: “Ide, pregai o evangelho a toda criatura” [Mc 16.15]. Não se atribuem seus limites definidos; ao contrário, os envia para que conduzam o mundo inteiro à obediência de Cristo, para que, espargindo o evangelho por toda a parte que possam, em todos os lugares ergam seu reino. Por isso mesmo Paulo, como quisesse provar o seu apostolado, recorda que não ganhou para Cristo uma única cidade, senão que propagava o evangelho ampla e extensivamente; nem pôs as mãos em fundamentos alheios, senão que plantava igrejas onde ainda não se ouvira o nome do Senhor [Rm 15.20]. Portanto, os apóstolos foram enviados para que reconduzisse o mundo inteiro da alienação à verdadeira obediência de Deus; e mediante a pregação do evangelho, implantassem por toda a parte o reino...⁹

⁸ CALVINO, *Institutas*, vol. 2, p. 216 (II.11.11).

⁹ *Ibid.*, vol. 4, p. 67 (VI.3.4). Ver também CALVIN, John. *Commentary on the Acts of the Apostles*, p. 19. In: *The Comprehensive John Calvin Collection*. CD-ROM, versão 1.0. Albany: Ages Software, 1998.

Assim, respondendo a seus opositores, Calvino afirma que a pregação do evangelho não se fundamenta na oferta universal de salvação, mas na autoridade de Cristo que ordena que o evangelho seja pregado a todas as nações.

De modo incisivo, Calvino defende a manutenção da crença na eleição em conjunção com a pregação indistinta e indiscriminada do evangelho a todos. Primeiramente ele argumenta que as promessas do evangelho se fundamentam na fé:

Ora, pois, dirás, se é assim, mui pouca certeza oferecem as promessas do evangelho, as quais, testificando da vontade de Deus, asseveram que ele quer aquilo que contrapõe a seu imutável decreto. De modo algum, respondo, porque, por mais que as promessas de salvação sejam universais, entretanto, em nada diferem da predestinação dos réprobos, desde que dirijamos a mente para sua eficácia. Sabemos que, afinal, as promessas nos são eficazes quando as recebemos em fé; quando, ao contrário, a fé é aniquilada, a promessa foi, ao mesmo tempo, abolida.¹⁰

Calvino nega a incompatibilidade entre a pregação e a eleição quando demonstra que a efetividade das promessas de salvação não decorre da liberalidade da oferta, mas decorre da fé que é fruto da eleição. Em seguida, ele questiona aqueles que consideram excludentes a afirmação de que Deus escolhe a quem que dispensar seu amor ou sua ira e a afirmação de que a pregação deve ser dirigida a todos:

Deveras digo que elas se harmonizam perfeitamente, pois, assim prometendo, outra coisa não pretende senão que sua misericórdia seja oferecida somente a todos os que a buscam e imploram, o que outros não fazem, a não ser aqueles a quem ilumina. Entretanto, Deus ilumina aqueles a quem predestinou para a salvação. A estes, afirmo, evidencia-se a veracidade certa e inabalável das promessas, de modo que não se pode dizer que houve alguma discrepância entre a eterna eleição de Deus e o testemunho que oferece aos fiéis de sua graça.¹¹

Na verdade, pregação e eleição se complementam. No pensamento de Calvino, a pregação do evangelho nasce da fonte da eleição. Sem a iluminação divina nenhum homem responderia positivamente à pregação. Por seu turno, a pregação a todos é a ação correta em resposta à consciência da eleição, pois nada impede que a pregação seja comum aos eleitos e aos reprovados. Vejamos o que Calvino diz em seguida:

Mas, porque menciona todos? Na verdade, para que mais seguramente concorram as consciências dos piedosos, enquanto compreendem que não há nenhuma diferença dos pecados, desde que a fé esteja presente; os ímpios, porém, para que não aleguem faltar-lhes um refúgio em que se abriguem da servidão do pecado,

¹⁰ CALVINO, *Institutas*, vol. 3, p. 443s (III.24.17).

¹¹ *Ibid.*, vol. 3, p. 444 (III.24.17).

visto que, por sua ingratidão, rejeitam o asilo a si oferecido. Portanto, uma vez que a uns e outros desses dois grupos seja oferecida a misericórdia de Deus pelo evangelho, é a fé, isto é, a iluminação de Deus, que estabelece distinção entre os pios e os ímpios, de sorte que eles sintam a eficácia do evangelho, porém estes não conseguem daí nenhum fruto. A própria iluminação tem como elemento regulador a eterna eleição de Deus.¹²

Vemos que Calvino faz clara diferença entre a salvação e a pregação do evangelho. Esta está disponível a todos, a compreensão salvadora do que é pregado só é alcançada pelos que recebem o dom da fé, isto é, os eleitos. Encontramos nas *Institutas* esta ilustração:

Assim, depois que os apóstolos são instruídos por sua divina boca, não obstante é necessário enviar-lhes o Espírito da verdade para que lhes instile nas mentes a mesma doutrina de que se apropriaram pelos ouvidos [Jo 16.13]. Realmente, a Palavra de Deus é como o sol a refulgir em todos a quem é pregada; contudo, entre os cegos ela não obtém nenhum fruto. Nós, porém, nesse aspecto, somos todos cegos por natureza. Consequentemente, não pode ela penetrar nossa mente, a não ser que esse Mestre interior, o Espírito, lhe faculte entrada mediante sua iluminação.¹³

Embora haja livre distribuição da mensagem do evangelho, Calvino ressalva que não há obrigatoriedade de que Deus trate todos os homens igualmente e, de fato, não o faz. Calvino escreve: “Aquele que ameaça que, enquanto faz chover sobre uma cidade, haverá sequeidão em outra [Am 4.7], que em outro lugar denuncia uma fome de ensino [Am 8.11], não se obriga por uma lei fixa para que chame a todos igualmente”.¹⁴

Essa diferenciação, de exclusiva autoridade de Deus, se manifesta de duas formas: a iluminação do Espírito dada somente aos eleitos e o envio dos pregadores ao mundo. Calvino escreve:

No tocante à vocação de Deus mais amplamente difusa por todos os povos na vinda de Cristo do que fora antes, e às graças do Espírito mais largamente derramadas, quem, pergunto eu, negaria ser justo que na mão e arbítrio de Deus esteja a livre dispensação de suas graças, para que ilumine aquelas nações que ele queira iluminar, nos lugares que queira promover a pregação de sua palavra, sempre que queira prodigalizar o progresso e êxito de sua doutrina, nas eras em que o queira, por causa de sua ingratidão, do mundo detraia o conhecimento de seu nome, em vista de sua misericórdia, e o restitua quando novamente o queira?¹⁵

¹² Ibid.

¹³ Ibid., vol. 3, p. 60 (III.2.34).

¹⁴ Ibid., vol. 3, p. 405 (III.22.10).

¹⁵ Ibid., vol. 2, p. 218s (II.11.14).

Assim, ainda que haja um comando para que o evangelho seja pregado a toda a criatura, compete a Deus a determinação dos lugares, o modo e os efeitos que a pregação da palavra terá entre as nações. Diante disso, compreendemos que o chamado de Deus para a salvação, então, não consiste somente da pregação da palavra, mas também da iluminação do Espírito.¹⁶ Em outro lugar, Calvino escreve:

Aquela afirmação de Cristo quanto a muitos chamados, porém poucos escolhidos [Mt 22.14], é deste modo muito mal entendida. Nada será ambíguo, se sustentarmos o que deve ser claro à luz das considerações acima, de haver uma dupla espécie de vocação. Ora, há a vocação universal, pela qual, mediante a pregação externa da Palavra, Deus convida a si todos igualmente, ainda aqueles aos quais a propõe como aroma de morte [2Co 2.16] e matéria da mais grave condenação. A outra é a vocação especial, da qual digna ordinária e somente aos fiéis, enquanto pela iluminação interior de seu Espírito faz com que a Palavra pregada se lhes assente no coração.¹⁷

Comentando Amós 5.4-6, ele escreve:

Nós antes sabemos que os profetas pregaram a fim de convidar alguns a Deus e para deixar outros inescusáveis. Com respeito ao fim e propósito do ensino público é que todos fossem, em comum, chamados: mas o propósito de Deus é diferente; pois ele intenta, de acordo com seu próprio conselho secreto, apresentar a si mesmo os eleitos, e pretende retirar toda a escusa dos reprovados, que sua obstinação possa ser mais e mais aparente.¹⁸

Assim, vê-se que, para Calvino, a doutrina da eleição implica que Deus, pelo seu soberano propósito, trata de modo desigual os homens, tanto iluminando com seu Espírito a uns e não a outros, quanto provendo-lhes acesso diferenciado à pregação da palavra e aos benefícios dela advindos. Por outro lado, devemos entender que isso não impede ou obstaculiza a pregação universal e indistinta do evangelho, pois, assim como acontece na eleição, cabe a Deus e não a nós dispor como e a quem Deus oferecerá seus benefícios. Cabe aos crentes obedecer, com diligência e fervor, ao comando de pregar o evangelho a toda a criatura. Para fazer demonstração, Calvino escreve sobre o apóstolo Paulo:

Quão declarado e eloquente pregoeiro da eleição graciosa foi Paulo já se viu previamente. Porventura ele foi, por isso, frio em advertir e exortar? [...] Em suma, aqueles que são medianamente versados em Paulo compreenderão, sem demonstração extensa, quão aptamente concilie ele coisas que estes imaginam lutarem entre si. Assim, Cristo preceitua que se creia nele. Todavia, sua

¹⁶ Ibid., vol. 3, p. 427 (III.24.2).

¹⁷ Ibid., vol. 3, p. 433s (III.24.8).

¹⁸ CALVIN, John. *Commentary on the Prophet Amos*, p. 106. In: *The Comprehensive John Calvin Collection*. CD-ROM, Versão 1.0. Albany: Ages Software, 1998.

determinação nem é falsa, nem contrária ao preceito, quando diz: “Ninguém pode vir a mim, senão aquele a quem foi dado por meu Pai” [Jo 6.65]. Portanto, que esta doutrina tenha seu curso de pregação, pregação esta que conduza os homens à fé e, com proveito contínuo, os mantenha na perseverança. Nem tampouco seja impedido o conhecimento da predestinação...¹⁹

Conclui-se que, para Calvino, a doutrina da eleição não é enfraquecida pela missão de pregar o evangelho a todos os homens. Ao mesmo tempo, essa missão é qualificada, mas não restringida pela doutrina da eleição.

2. O SÍNODO DE DORT E A PREGAÇÃO DO EVANGELHO

O calvinismo holandês tem grande importância no cenário reformado. Renomados e influentes teólogos têm surgido nessa tradição. Tal é esta influência que uma discussão local entre calvinistas holandeses ganhou projeção mundial e produziu um conjunto de proposições sobre a soteriologia que recebeu o nome de “Cinco Pontos do Calvinismo”. Os Cânones de Dort ou “Cinco Pontos do Calvinismo” são a resposta do sínodo geral holandês que, nos anos de 1618 e 1619, tratou de uma controvérsia teológica entre professores de teologia (Tiago Armínio e Francisco Gomaro) que dividiu os pastores e governantes da Holanda.²⁰ Este sínodo foi realizado na cidade holandesa de Dordrecht ou Dordrecht, que passou a ser identificada com o termo “Dort”.²¹

[O Sínodo] consistiu de oitenta e quatro membros e dezoito comissários seculares. Destes, cinquenta e oito eram holandeses, os demais, estrangeiros. As igrejas reformadas estrangeiras foram convidadas para enviar ao menos três ou quatro mestres cada, com direito de voto.²²

Seu título oficial é:

Julgamento do Sínodo Nacional das Igrejas Reformadas da Holanda Unida, acontecido em Dordrecht nos anos de 1618 e 1619, que foi assistido por muitos teólogos excelentes das Igrejas Reformadas da Grã-Bretanha, Palatinado Eleitoral, Hessa, Suíça, Weteraw, Genebra, Bremen e Emden: Com respeito aos bem conhecidos cinco princípios de doutrina, sobre os quais uma diferença surgiu nas Igrejas Reformadas da chamada Holanda Unida. Expressos em 6 de maio de 1619.²³

¹⁹ CALVINO, *Institutas*, vol. 3., p. 422 (III.23.13).

²⁰ Cf. MARRA, Cláudio (Org.). *Os Cânones de Dort – os cinco artigos de fé sobre o arminianismo*. São Paulo: Cultura Cristã, s.d., p. 7-11.

²¹ Cf. SCHAFF, Phillip (Org.). *The Creeds of Christendom: with a history and critical notes*. 6ª ed. Grand Rapids: Baker, 1990, p. 512.

²² Ibid.

²³ HOEKSEMA, Homer C. *The voice of our fathers*. Grand Rapids, MI: Reformed Free Publishing Association, 1980, p. 3.

Sua resolução foi adotada como símbolo de fé da Igreja Reformada Holandesa e “a única igreja fora da Holanda onde eles ainda são reconhecidos como um padrão público de doutrina é a Igreja Reformada Holandesa na América”.²⁴ Ainda assim, de modo geral, esse documento é considerado emblemático do pensamento calvinista.

Sua resolução não resume o calvinismo, nem pretende defini-lo, mas trata daqueles aspectos mais polêmicos em torno do modo como o homem é salvo, quais sejam, a predestinação, a extensão da obra de Cristo e o papel do homem na salvação. Petersen apresenta assim a questão:

Naturalmente, o calvinismo é mais do que “os cinco pontos do calvinismo”. O calvinismo é um sistema de pensamento que é tão extenso quanto a vida. É “uma visão do mundo e da vida”. Ele não está restrito ao campo da teologia, mas inclui cada esfera da vida e do mundo. Mas seu conceito central “é o grande conselho de Deus” e seu princípio fundamental é a soberania de Deus, “a absoluta supremacia de Deus em todas as coisas”.²⁵

O objetivo principal do sínodo foi julgar um tratado dos seguidores de Armínio,²⁶ a “Remonstrância”, à luz da Confissão Belga e do Catecismo de Heidelberg.²⁷ O partido arminiano “alegou que Deus resolveu salvar todos quantos cressem, e recusou-se a aceitar o ensino de que a eleição é para a fé”.²⁸ Marra resume: “O resultado do Sínodo de Dort foi um documento que, sem negligenciar a responsabilidade do homem, salientou a salvação pela graça de Deus...”.²⁹

Este documento nos interessa, pois a pregação era um dos temas centrais envolvidos na discussão entre arminianos e gomaristas (como ficaram conhecidos os seguidores de cada parte).

Armínio acreditava que o homem tinha condições de tomar uma decisão livre, pró ou contra a salvação oferecida por Deus na pregação. A pregação só precisava persuadir o homem a aceitar a salvação. Para Gomaro, cada pregação era uma ordem de Deus para que os ouvintes cressem nas promessas firmes, no evangelho, na salvação do pecado pela graça de Deus. Ele afirmava que era o poder de Deus no evangelho pregado que levava o homem à salvação e à certeza da sua eleição.³⁰

²⁴ SCHAFF, *The Creeds of Christendom*, p. 514.

²⁵ PETERSEN, Henry. *The Canons of Dort: A study guide*. Grand Rapids, MI: Baker, 1968, p. 11.

²⁶ Armínio morreu em 1609.

²⁷ Cf. MARRA, *Os Cânones de Dort*, p. 4.

²⁸ OSTERHAVEN, M. E. Dort, Sínodo de. In: ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1993, vol. 1, p. 504.

²⁹ Cf. MARRA, *Os Cânones de Dort*, p. 13.

³⁰ Ibid.

Além disso, sendo um documento emblemático do pensamento calvinista quanto à soteriologia, muito nos ajudará saber o que os Cânones de Dort ensinam sobre a pregação do evangelho. “Que a pregação nas igrejas constituíra uma de suas [de Dort] principais preocupações é patente a qualquer um que pesquisa mesmo de uma maneira apressada suas principais decisões”.³¹

Transcrevemos a seguir os artigos que mais diretamente tratam de nosso assunto. Faremos alguns destaques após a transcrição.

I.3 – A pregação do evangelho

Para que os homens sejam conduzidos à fé, Deus envia, em sua misericórdia, mensageiros dessa alegre boa nova a quem e quando ele quer. Pelo ministério deles, os homens são chamados ao arrependimento e à fé no Cristo crucificado. Porque... como crerão naquele de quem nada ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? e como pregarão se não forem enviados? (Rm 10.14-15).³²

II.5 – A proclamação universal do evangelho

A promessa do Evangelho é que todo aquele que crer no Cristo crucificado não pereça, mas tenha a vida eterna. Esta promessa deve ser anunciada e proclamada sem discriminação a todos os povos e a todos os homens, aos quais Deus, em seu bom propósito, envia o Evangelho com a ordem de que se arrependam e creiam.³³

III e IV.6 – A necessidade do evangelho

Aquilo que nem a luz natural nem a lei podem fazer, Deus o faz pelo poder do Espírito Santo e pela pregação ou ministério da reconciliação, que é o Evangelho do Messias. Agradou a Deus usar este Evangelho para salvar os crentes, tanto na antiga quanto na nova aliança.³⁴

III e IV.7 – Por que o evangelho é enviado a alguns e a outros não?

No Antigo Testamento, Deus revelou a poucas pessoas este mistério da sua vontade. No Novo Testamento, entretanto, ele retirou a distinção entre os povos e revelou o mistério a muito mais pessoas. Esta distribuição distinta do Evangelho não é motivada pela maior dignidade de um certo povo, nem pelo melhor uso da luz da natureza, mas pelo soberano bom propósito e amor imerecido de Deus. Portanto eles, que recebem tão grande graça, além e ao contrário de tudo o que merecem, devem reconhecer isto com coração humilde e agradecido.

³¹ DEJONG, Peter Y. *Crisis in the Reformed Churches*. Essays in commemoration of the great Synod of Dort, 1618-1619. Grand Rapids, MI: Reformed Fellowship, 1968, p. 121.

³² MARRA, *Os Cânones de Dort*, p. 17s.

³³ *Ibid.*, p. 29.

³⁴ *Ibid.*

Mas devem, com o apóstolo, adorar a severidade e justiça dos julgamentos de Deus sobre aqueles que não recebem essa graça, mas não devem, de maneira nenhuma, investigá-los curiosamente.³⁵

III e IV.8 – O sério chamado pelo evangelho

Tantos quantos são chamados pelo Evangelho, o são seriamente. Porque Deus revela séria e sinceramente em sua Palavra o que lhe agrada, a saber, que aqueles que são chamados venham a ele. Ele também seriamente promete descanso para a alma e a vida eterna a todos que a ele vierem e crerem.³⁶

III e IV.11 – Como ocorre a conversão

Deus realiza seu bom propósito nos eleitos e opera neles a verdadeira conversão da seguinte maneira: ele faz com que ouçam o Evangelho mediante a pregação e poderosamente ilumina suas mentes pelo Espírito de tal modo que possam entender corretamente e discernir as coisas do Espírito de Deus. Mas, pela operação eficaz do mesmo Espírito regenerador, Deus também penetra até os recantos mais íntimos do homem. Ele abre o coração fechado e enternece o que está duro, circunda o que está incircunciso e introduz novas qualidades na vontade. Esta vontade estava morta, mas ele a fez reviver; era má, mas ele a torna boa; estava indisposta, mas ele a torna disposta; era rebelde, mas ele a faz obediente; ele move e fortalece esta vontade de tal forma que, como uma boa árvore, seja capaz de produzir frutos de boas obras (1Co 2.14).³⁷

III e IV.12 – O caráter divino da regeneração

Esta conversão é aquela regeneração, renovação, nova criação, ressurreição dos mortos e vivificação, tão exaltada nas Escrituras, a qual Deus opera em nós, sem qualquer contribuição de nossa parte. Mas esta regeneração não é efetuada pela pregação apenas, nem por persuasão moral. Nem ocorre de tal maneira que, havendo Deus feito a sua parte, resta ao poder do homem ser regenerado ou não regenerado, convertido ou não convertido. Ao contrário, a regeneração é obra sobrenatural, poderosíssima, e ao mesmo tempo agradabilíssima, maravilhosa, misteriosa e indizível. De acordo com o testemunho da Escritura, inspirada pelo próprio autor dessa obra, a regeneração não é inferior em poder à criação ou à ressurreição dos mortos. Conseqüentemente todos aqueles em cujos corações Deus opera desta maneira maravilhosa são, certamente, infalível e efetivamente regenerados e de fato passam a crer. Portanto, a vontade que é renovada não apenas é acionada e movida por Deus, mas, sob a ação de Deus, torna-se ela mesma atuante. Por isso também se diz corretamente que o homem crê e se arrepende mediante a graça que recebeu.³⁸

³⁵ Ibid., p. 35.

³⁶ Ibid., p. 36.

³⁷ Ibid., p. 37.

³⁸ Ibid., p. 37s.

V.14 – Incluído o uso de meios

Tal como agradou a Deus iniciar sua obra da graça em nós pela pregação do evangelho, assim ele a mantém, continua e aperfeiçoa pelo ouvir e ler do Evangelho, pelo meditar nele, pelas suas exortações, ameaças e promessas, e pelo uso dos sacramentos.³⁹

Nesta seleção podemos observar que são mantidos os aspectos principais do ensino de Calvino quanto à eleição e a pregação do evangelho, a saber:

- a) A pregação do evangelho é apontada como o meio pelo qual Deus salva os crentes (III e IV.6, 11; V.14). Por ela, os homens são chamados ao arrependimento e à fé (I.3).
- b) A pregação, embora tenha estado restrita no Antigo Testamento, foi estendida a todos os povos e todos os homens sem distinção a partir do Novo Testamento (II.5; III e IV.7).
- c) É reservado a Deus o direito de enviar seus mensageiros a quem quer e quando quer e que, mesmo na nova aliança, a distribuição do evangelho não é igualitária a todos os homens e povos. Tal diferenciação repousa exclusivamente no soberano bom propósito e amor imerecido de Deus (I.3 e III e IV.7).
- d) É necessária a intervenção poderosa do Espírito Santo para que o homem venha a crer e responder positivamente ao requisito da pregação (III e IV.6, 11 e 12).
- e) Não há conflito entre a eleição e a seriedade do convite feito pela pregação do evangelho e a promessa oferecida àqueles que a ele atenderem (III e IV.8).

Vemos, assim, que os Cânones de Dort expressaram fielmente o pensamento de Calvino quanto à eleição e à pregação do evangelho.

3. O CALVINISMO E A PREGAÇÃO: UMA ILUSTRAÇÃO DA DISCUSSÃO POSTERIOR A PARTIR DOS CÂNONES DE DORT

3.1 O argumento arminiano

A título de apresentar um contraponto ao que temos visto até agora, são interessantes algumas afirmações de Laurence Vance quanto à relação entre a princípio calvinista da eleição e a evangelização. Vance, em seu livro *The Other Side of Calvinism* (“O outro lado do calvinismo”), procura contraditar os pontos de teologia definidos pelo Sínodo de Dort. Seu principal apelo,

³⁹ Ibid., p. 49.

semelhantemente ao dos dias de Calvino, é para a lógica e para aquilo que ele chama de inconsistência do sistema calvinista. Criticando Calvino e os reformados, Vance escreve:

Ele [Calvino] argumenta que o uso de termos universais nessas passagens tem a ver com a pregação indiscriminada e desqualificada do evangelho. Calvino, como a maioria dos calvinistas dos dias atuais, foi muito inconsistente em pregar o evangelho a todos e ainda crer que somente os eleitos podem ser salvos.⁴⁰

Vance cita a definição de Engelsma de hipercalvinismo:

a negação de que Deus, na pregação do evangelho, chama a todos os que ouvem a pregação ao arrependimento e à fé. (...) esta negação se manifesta na prática do pregador em dirigir o chamado do evangelho, “arrepender-se e crer em Cristo crucificado”, somente àqueles em sua audiência que mostram sinais de regeneração, e, portanto, de eleição, ou seja, alguma convicção de pecados e algum interesse na salvação.⁴¹

Então afirma:

Assim qualquer calvinista pode ser um hipercalvinista simplesmente por *consistentemente* praticar seu calvinismo. O único resultado *lógico* de crer nos cinco pontos do calvinismo é pregar para os eleitos que foram previamente regenerados, mas ainda não creram em Cristo.⁴²

Os calvinistas inconsistentes, que crêem que Cristo é apresentado no evangelho, mas não uma genuína oferta de salvação, têm a audácia de acusar alguns de seus “irmãos” de serem hipercalvinistas se eles abrem mão de pregar aos pecadores em geral. Mas se um calvinista realmente crê em sua teologia TULIP, então essa é a única posição lógica a tomar.⁴³

Convencido de que não pode haver acordo entre o calvinismo e a ampla evangelização, mas obrigado a admitir que os calvinistas defendem que a pregação do evangelho deve ser geral e indistinta, Vance chama de nauseante duplo discurso a afirmação calvinista de que, frente à doutrina da expiação limitada, não há prejuízo para a responsabilidade de testemunhar, pregar o evangelho e realizar o trabalho missionário. Em sua visão, “se Cristo morreu somente pelos ‘eleitos’, portanto, assegurando a sua salvação, ninguém tem

⁴⁰ VANCE, *The other side of Calvinism*, p. 270.

⁴¹ ENGELSMA, David J. *Hyper-Calvinism & the call of the gospel: an examination of the “well-meant offer” of the gospel*. Ed. rev. Grand Rapids, MI: Reformed Free, 1994, p. 11.

⁴² VANCE, *The other side of Calvinism*, p. 139.

⁴³ *Ibid.*, p. 317.

qualquer responsabilidade de evangelizar, nem pode ser repreendido por não fazer assim”.⁴⁴ Ele cita John Wesley para confirmar sua tese:

Wesley tem o melhor dos argumentos quanto à eleição incondicional: “Chame-a, portanto, por qualquer nome que você quiser, eleição, preterição, predestinação ou reprovação, no fim é a mesma coisa. O sentido de tudo é claramente esse: Por virtude de um eterno, imutável, irresistível decreto de Deus, uma parte da humanidade está infalivelmente salva e os demais infalivelmente perdidos; sendo impossível que qualquer dos primeiros sejam perdidos, ou que qualquer dos últimos possam ser salvos. Mas se isso é assim, então toda a pregação é vã”.⁴⁵

Vê-se claramente que Vance quer colocar os calvinistas sob algo semelhante ao dilema proposto nos dias de Calvino: uma vez que é impossível conciliar a eleição com a pregação indistinta do evangelho, para ser consistente ou se nega a ordem bíblica de pregar a toda criatura para manter o calvinismo, ou se nega a doutrina da eleição para pregar a todos sem distinção.

Comentando o Artigo II.5 do Sínodo de Dort, Homer Hoeksema faz a seguinte exposição do argumento arminiano:

Em primeiro lugar, a ocasião para este artigo recai sobre o fato de que os arminianos diziam que os reformados, com sua doutrina da soberana predestinação e expiação particular, não têm base para uma pregação geral do evangelho. De fato, o arminiano dizia que o homem reformado não pode pregar o evangelho a todos. Em segundo lugar, os arminianos também acusavam que a visão reformada não deixava espaço para a pregação da fé e do arrependimento. (...) Por um lado, o arminiano argumentava que desde que a obra expiatória de Cristo era limitada aos eleitos, e desde que o pregador, portanto, tem algo a proclamar somente aos eleitos, mas desde que ele não sabe quem são os eleitos, ele não pode pregar. Ele não sabe de quem deve se aproximar com essa mensagem de expiação limitada visto que somente Deus sabe quem é eleito e quem não é. Por outro lado, os arminianos argumentavam que desde que a salvação é, de acordo com a visão reformada, somente para aqueles que são soberanamente escolhidos, e certamente para eles, assim sua salvação não é dependente de qualquer ato de fé e arrependimento de sua parte, e portanto é desnecessário e realmente impossível chamar os homens a crer e ao arrependimento.⁴⁶

A exemplo do que fez Calvino, ele faz a seguinte advertência quanto ao propósito do argumento arminiano:

Devemos lembrar, entretanto, que este ataque não é dirigido à proclamação geral do evangelho, mas à soberana predestinação de Deus. Por este aparente

⁴⁴ Ibid., p. 231.

⁴⁵ Ibid., p. 225.

⁴⁶ HOEKSEMA, *The voice of our fathers*, p. 350.

dilema o arminiano deseja compelir-nos a deixar a verdade da eleição e rejeição soberana.⁴⁷

De fato, há aqueles calvinistas que, pensando de forma semelhante a Vance e aos arminianos, defendem que não pode haver compatibilidade entre a doutrina da eleição e a pregação indistinta do evangelho. “Há aqueles que falam da eleição de tal modo que leva tudo a ser dominado por ela. Eles pregam para os eleitos apenas. A oferta da salvação é endereçada aos eleitos apenas e eles não têm nenhuma palavra para os não convertidos”.⁴⁸

Para ilustrar isso, Engelsma cita artigos da Confissão de Fé das Igrejas do Estandarte do Evangelho (batistas), na Inglaterra (1878):

XXVI. Nós negamos o dever de fé e o dever de arrependimento – estes termos significando que é o dever de todo homem arrepender-se e crer salvadoramente. Nós negamos também que há qualquer capacidade no homem por natureza para qualquer bem espiritual. É por isso que nós rejeitamos a doutrina de que os homens em um estado natural possam ser exortados a crer em Deus e voltar-se para ele.

XXXIII. Portanto, que ministros nos dias atuais se dirijam a pessoas não convertidas, ou indiscriminadamente a todos em uma congregação mista, chamando-os salvadoramente a arrepender-se, crer e receber a Cristo, ou realizar qualquer outro ato dependente do novo poder criador do Espírito Santo, é, por um lado, implicar o poder da criatura, e, por outro, negar a doutrina da redenção especial.⁴⁹

Assim vemos que tanto arminianos quanto hipercalvinistas concordam acerca da incompatibilidade entre a doutrina da eleição e a pregação livre do evangelho. No entanto, apresentam soluções diferentes para o dilema proposto. Os primeiros negam a doutrina da eleição, os últimos negam que a pregação deve ser dirigida a todos.

3.2 A resposta calvinista a partir dos Cânones de Dort

No entanto, os escritores calvinistas que seguem o Sínodo de Dort discordam desse argumento e, a exemplo de Calvino, reafirmam a veracidade da doutrina da eleição e a necessidade da pregação indistinta do evangelho, não como uma contradição ou paradoxo, mas como a fiel exposição do ensino bíblico.

⁴⁷ Ibid., p. 489.

⁴⁸ PRONK, Cornelius Neil. *Expository sermons on the Canons of Dort*. St. Thomas, Ontário: Free Reformed Publications, 1999, p. 16.

⁴⁹ *Articles of Faith and Rules (The Gospel Standard Aid and Poor Relief Societies)*. Harpenden, England: Gospel Standard Trust Publications, 2008. p. 35, 40. Disponível em: <<http://www.gospelstandard.org.uk/gs/media/GS/Articles.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2016.

Henry Petersen claramente contesta a postura hipercalvinista:

Os cânones não deixam dúvidas de que o chamado é para eleitos e reprovados igualmente. No artigo [III-IV.9] eles falam daqueles que não são convertidos, muito embora tenham sido chamados, e, no artigo 10, dos eleitos que são convertidos sob a mesma pregação do evangelho. Jesus não limitou sua pregação, muito embora soubesse quem eram e quem não eram os eleitos. Houve muitos que não responderam a sua pregação com arrependimento e fé (Jo 5.38-40).⁵⁰

Engelsma afirma que negar a chamada do evangelho a todos não é doutrina reformada⁵¹ e que o livre chamado não ameaça as doutrinas da redenção.⁵² Ele rejeita assim a acusação dos arminianos:

Esta foi a acusação lançada contra a fé reformada pelos arminianos na época do Sínodo de Dort. Os arminianos argumentavam que a eleição, a expiação limitada e a graça soberana impediam o chamado sério do evangelho a todos os que ouvem a pregação. Nos Cânones as igrejas reformadas provaram que a acusação era falsa e que a vigorosa pregação do evangelho, incluindo o chamado sério ao arrependimento e à fé, permanece com plenos direitos no quadro de referência das doutrinas do calvinismo.⁵³

Engelsma comenta assim a doutrina de Calvino sobre o chamado do evangelho:

A doutrina de Calvino do chamado do evangelho, então, é esta. Na pregação do evangelho, Deus externamente chama todos os ouvintes ao arrependimento e à fé, e a igreja deve, também, chamar cada um indiscriminadamente. O propósito de Deus com este chamado é determinado por e está em harmonia com seu eterno conselho da predestinação, eleição e reprovação. Que ele propôs o chamado para salvar os eleitos, que propôs o chamado para operar a condenação dos reprovados. O chamado do evangelho aos eleitos é acompanhado pela iluminação interna do Espírito, assim que eles são eficazmente atraídos a Cristo pela fé e são salvos. O chamado de Deus aos reprovados é a ordem de Deus, feita em perfeita justiça e em completa seriedade, de que eles façam o que é seu dever fazer. Quando Deus dá seu comando, ele retém deles o Espírito que é o único capaz de dar o arrependimento e a fé requeridos, o qual Deus não é obrigado a dar a ninguém, e endurece-os em sua descrença.⁵⁴

⁵⁰ PETERSEN, *The Canons of Dort*, p. 56.

⁵¹ Cf. ENGELSMA, *Hyper-Calvinism & the call of the gospel*, p. 19-21, 26.

⁵² Cf. *Ibid.*, p. 24.

⁵³ *Ibid.*, p. 13.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 148.

Nota-se não só a afirmação das verdades quanto à pregação indiscriminada e quanto ao propósito eletivo de Deus, mas também a declaração de que o chamado e o comando a todos são determinados por e estão em harmonia com o conselho de Deus quanto à predestinação. Tal comando não se torna vazio, nem perde sua seriedade, em relação aos reprovados, pois convoca-os a fazer o que é seu dever.

Mais à frente, ele apresenta assim a questão segundo os Cânones de Dort:

A abordagem dos cânones é aquela da necessidade da pregação para a salvação dos pecadores perdidos. Eles iniciam declarando que alguns homens são salvos da miséria comum pela pregação das alegres boas novas da cruz de Cristo (I/1-4). Fazem do chamado dos eleitos à salvação através da pregação do evangelho parte do decreto da própria eleição (I/7). Pois a certeza da eleição e da salvação se restringe aos filhos de Deus através da pregação (I/12, 16; V/10). Muito embora os arminianos pervertam essa verdade, enganando a muitos, os cânones não estão embaraçados pela declaração de que a promessa do evangelho é que “todo o que crê” será salvo, nem hesitam diante do desafio das igrejas e pregadores reformados de publicar esta promessa a todas as nações e pessoas, “indiscriminadamente e sem distinção”, e de ordenar a todos os homens o arrependimento e a fé. Este chamado é o sério chamado de Deus a todos os que ouvem a pregação, e aqueles que a rejeitam têm de envergonhar-se de si mesmos (III,IV/17).⁵⁵

Engelsma enfatiza que o dever de pregar o evangelho a todas as pessoas e nações não causa embaraço nem hesitação às igrejas e pastores reformados. O chamado à fé e ao arrependimento deve ser feito a todos e aqueles que a rejeitam o fazem para a sua própria vergonha. Quanto à postura do pregador, Engelsma afirma, citando Herman Hoeksema:

“De um ponto de vista humano, um pregador pode querer salvar a todos os que estão em sua audiência, e querer levá-los consigo para o céu. Certamente ele não pode, nem deve buscar ser um cheiro de morte para a morte. Seu chamado é para ser o bom perfume de Cristo e para pregar a Palavra de Deus fielmente. Se ele faz isso, sua tarefa está cumprida, e ele deixa os frutos para o Senhor”. Mas o pregador fiel também “preparou a si mesmo para estar disposto a ser um cheiro de morte para a morte, tanto quanto um perfume de vida para a vida. Pois esta é a vontade de Deus”.⁵⁶

Portanto, cabe ao pregador reformado anunciar com fervor a obra de Deus a todos que estiverem a seu alcance e esperar que cada um deles responda positivamente ao comando do evangelho. Entretanto, deve estar consciente de

⁵⁵ Ibid., p. 194-195.

⁵⁶ HOEKSEMA, Herman. *Een Kracht Gods tot Zaligheid of Genade Geen Aanbod*, p. 96, apud: ENGELSMA, *Hyper-Calvinism & the call of the gospel*, p. 41.

que, ao mesmo tempo em que sua mensagem serve de instrumento da salvação de uns, servirá como agravamento da condenação de outros.

Cornelius Pronk aponta assim a tarefa dos pregadores: “Os servos de Deus devem chamar os pecadores à fé e ao arrependimento. Eles devem fazer tudo o que puderem e usar todos os seus dons para explicar a Palavra de Deus e persuadir os homens a serem reconciliados com Deus”.⁵⁷

O compromisso firme e dedicado de proclamação do evangelho deve ser uma característica dos pregadores reformados. Vejamos algumas afirmações sobre esse compromisso e compreensão acerca da pregação. Comentando a abordagem sobre a pregação no Sínodo de Dort, DeJong afirma:

A pregação é o ato de Deus ativo, dinâmico e eficaz que confronta os homens com sua mensagem da graça. Nunca pode ser reduzida a uma chance que Deus lança na esperança de salvar alguns; muito menos a um esforço da parte do pregador que pode muito bem se provar sem fruto. A pregação é o meio designado por Deus para a salvação.⁵⁸

Na pregação do evangelho, Deus dirige seu “chamado” a todos que vêm ao seu alcance. E este chamado é “não dissimulado” (*sério*). (...) Este chamado consiste de *promessa e ordem*... requer arrependimento e fé. (...) Todos os homens, de qualquer estado e condição, devem ser assim desafiados pela pregação. A todos a mensagem vem urgente e verdadeiramente.⁵⁹

Com a mesma convicção, Petersen afirma:

Aqueles que questionam a predestinação dizem que ela torna a pregação do evangelho desnecessária, ou, pelo menos, uma farsa. Isto é, visto que Deus ordenou quem será salvo e quem não será e visto que esse é um decreto imutável, é inútil pregar o evangelho. (...) Essa objeção não observa o importante fato que Deus ordenou todas as coisas, os meios bem como os fins. Ele ordenou a pregação do evangelho como meio de chamar os homens à fé e à salvação (1Co 1.21; Rm 10.14-15). Portanto, a igreja deve pregar o evangelho. E o pecador deve se arrepender e crer em Jesus Cristo para ser salvo (Art. I.2-4). Além do mais, a predestinação dá à igreja um grande incentivo a pregar o evangelho em toda parte. Ela mostra que a Palavra de Deus não retornará para si vazia; que Deus reunirá, entre os seus escolhidos, pessoas de cada tribo, língua, povo e nação. De fato, ela não tem o direito de reter o evangelho de ninguém. “Nunca teremos qualquer direito de pressupor que qualquer homem ou grupo de homens que possamos mencionar esteja fora do plano de salvação de Deus” (J. Gresham Machen, *The Christian View of Man*, p. 82).⁶⁰

⁵⁷ PRONK, *Expository sermons on the Canons of Dort*, p. 21.

⁵⁸ DEJONG, *Crisis in the Reformed churches*, p. 127.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 130.

⁶⁰ PETERSEN, *The Canons of Dort*, p. 22-23.

Mais à frente, referindo-se aos Cânones de Dort, Petersen afirma:

Os cânones não deixam dúvida de que esta proclamação deve ser feita “a todas as pessoas indiscriminadamente e sem distinção”. Nem a eleição, nem a redenção particular limitam a pregação do evangelho. O evangelho é pregado às pessoas, “não a eleitos ou reprovados, mas a pecadores que estão todos em necessidade de salvação”. Nem todos serão salvos, mas certamente todo o que crê é salvo.

Pronk, outro escritor reformado que contesta o dilema proposto pelos arminianos a partir dos Cânones de Dort, escreve comentando os artigos II.3-5:

Na época do Sínodo de Dort, os arminianos acusaram os calvinistas de não poder pregar o evangelho a todos. Eles disseram: com suas doutrinas de uma expiação limitada e de eleição é impossível dirigir o evangelho a todas as pessoas. Vocês devem limitar sua pregação aos eleitos. Para pregar o evangelho a todos os homens, eles pensavam que precisavam de uma doutrina de expiação universal – a crença de que Cristo morreu por todos os homens. Nossos pais calvinistas discordavam disso. Eles criam que a Bíblia claramente conta-nos que o evangelho deve ser pregado a todos, não importa o que pensemos do valor da morte de Cristo. O próprio Cristo disse a seus discípulos: *Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura*. Por causa dessa ordem missionária de Cristo, os apóstolos e seus sucessores pregaram o evangelho onde quer que Deus os mandasse – primeiro aos judeus e então também aos gentios. Eles foram às nações da Europa e depois todos os continentes foram alcançados pelo evangelho. A única limitação é que Deus envia o evangelho a quem quer que lhe agrada. Ele ainda não enviou o evangelho a todas as nações. Há ainda tribos que nunca foram alcançadas pelas boas novas do evangelho. Mas essa é a única limitação. Onde quer que o evangelho vá, deve ser pregado e deve ser pregado a todos.⁶¹

Pronk rejeita que, para que tal pregação seja realizada, é preciso negar a doutrina da expiação limitada, a fim de que anunciemos aos homens que Cristo morreu por eles. “Eles [os apóstolos] não chamam os pecadores a crer que Cristo morreu por eles, mas chamam os pecadores a crer em Cristo. Essa é a grande diferença”.⁶² Então argumenta:

O Evangelho é dirigido a todos que o ouvem. A todos os que são eleitos ou a todos os pecadores? Eu creio que a Bíblia é muito clara nessa questão. É dirigido a pecadores – não pecadores eleitos, nem a pecadores humildes, nem a pecadores contritos, nem a pecadores que buscam – mas simplesmente a pecadores.⁶³

⁶¹ PRONK, *Expository sermons on the Canons of Dort*, p. 127.

⁶² *Ibid.*, p. 128.

⁶³ *Ibid.*, p. 129.

É acrescenta que assim criam os reformadores e os puritanos:

A história da igreja conta-nos que talvez noventa e cinco por cento de todos os reformadores e puritanos pregaram a “livre oferta”. É verdade, alguns não gostavam da palavra “oferta” porque ela gradualmente adquiriu uma conotação associada como o arminianismo. Assim alguns de nossos pais preferiram usar o termo “chamado do evangelho”. Mas quando você lê seus escritos, estejam eles usando o termo “chamado” ou “oferta”, o significado era sempre o mesmo. Sua pregação era sempre terna e urgente, e eles convidavam os pecadores a vir ao Senhor sem quaisquer condições.⁶⁴

Ainda em harmonia com Calvino e os Cânones de Dort, Petersen e Hoeksema nos lembram que estamos diante de uma proclamação geral da promessa e não de uma promessa geral de salvação.

Petersen expõe que o chamado universal do evangelho inclui uma promessa universal e que a promessa do evangelho é a salvação, pois Cristo é livremente oferecido no evangelho. Diz que, naturalmente, a promessa de salvação é condicional. Então observa: “Deve ser apontado que esta é uma oferta geral de salvação, e não uma oferta de salvação geral. Alguns igualariam as duas ou, ao menos, diriam que a primeira implica a segunda. Mas isto é um erro, porque a oferta é condicional”.⁶⁵ Com o mesmo pensamento, Homer Hoeksema diz:

Deve ser notado que enquanto a promessa é *geralmente proclamada*, não é uma *promessa geral*, mas de fato, muito particular, para os eleitos somente: pois é uma promessa de descanso da alma e vida eterna *somente àqueles que vêm a ele e crêem*.⁶⁶

Todos esses escritores reformados também são unânimes em afirmar que a pregação não atinge, nem se propõe a atingir, cada homem em particular, reafirmando o princípio de que é o propósito de Deus que determina quais homens ouvirão a pregação do evangelho e quais não ouvirão. Homer Hoeksema escreve:

A pregação do evangelho nunca saiu do curso determinado por Deus. Desde que nunca foi o seu bom prazer que o evangelho pudesse ser proclamado a todos os homens e a cada homem. Até mesmo a *pregação* do evangelho, de acordo com o bom prazer de Deus, não é de modo algum geral e universal no sentido de incluir cada indivíduo humano... Este artigo [II.5], portanto, reconhece o fato de que mesmo a pregação do evangelho não é geral no sentido de que vem a todo indivíduo da raça humana, mas é limitada e segue um curso bem definido em toda a história, e este, também, de acordo com o bom propósito divino.⁶⁷

⁶⁴ Ibid., p. 130.

⁶⁵ PETERSEN, *The Canons of Dort*, p. 57.

⁶⁶ HOEKSEMA, *The voice of our fathers*, p. 492.

⁶⁷ Ibid., p. 353.

Observa-se que esses três autores calvinistas, no intuito de contestar o arminianismo, mantêm os conceitos e princípios de Calvino e do Sínodo de Dort quanto à necessidade de pregar indistintamente o evangelho a todas as pessoas. Fazem isso sem negar ou alterar a doutrina da eleição e da predestinação. A única limitação à pregação do evangelho consiste naquela realidade histórica que Deus promove ao enviar ou reter seus pregadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, dois aspectos devem ser ressaltados. Primeiramente, nem Calvino, nem o calvinismo histórico têm feito objeção ou têm desprezado a suprema importância da pregação do evangelho a todos os homens em todas as nações. É falacioso o argumento que aponta o calvinismo como um empecilho ou obstáculo para aqueles que querem pregar o evangelho. Tanto o arminianismo quanto o hipercalvinismo falham ao apontar tal objeção dentro do calvinismo. Ao contrário, o calvinista é instruído a seguir a ordem de Jesus de proclamar o evangelho a toda criatura e que Deus tem escolhido a pregação do evangelho como o meio através do qual será reunido o seu povo para a salvação. Pregadores, evangelistas e missionários são instrumentos de Deus na realização de seu propósito. É através deles, e de seu importante trabalho de anunciar o evangelho aos pecadores, que o propósito da eleição será plenamente cumprido. Para o calvinista a pregação decorre da predestinação uma vez que, ao escolher o seu povo, Deus resolveu chamá-lo pela pregação do evangelho. Essa pregação indiscriminadamente propagada atingirá àqueles que Deus tem escolhido para si. Ao mesmo tempo concorrerá para o agravamento da condenação daqueles que, estando perdidos, rejeitam o anúncio da salvação.

Em segundo lugar, deve-se destacar também que tanto Calvino quanto o calvinismo histórico não admitem a alegação de inconsistência quando sustentam a doutrina da eleição e praticam a pregação indistinta do evangelho. Fazem isto demonstrando que a pregação do evangelho não implica a possibilidade universal de salvação. Mostram que o anúncio da salvação e o comando para o arrependimento e a fé precisam ser suportados pela presença regeneradora do Espírito Santo que é dada exclusivamente de acordo com o propósito de Deus. Além disso, é evidente, argumentam os calvinistas, que individualmente nem todos os homens têm acesso ao evangelho. Milhões de pessoas morreram e morrem sem jamais ter ouvido a pregação da Palavra de Deus. Assim, a possibilidade universal de salvação é desmentida pela própria história. O calvinismo defende que Deus, em seu propósito, envia seus pregadores a quem quer e quando quer. Compete a Deus determinar por que lugares o evangelho se propagará, quem receberá o dom da fé pelo Espírito Santo e que resultados se alcançará nessa propagação. Tal decisão compete exclusivamente ao conselho eterno da eleição. Não obstante, e como fruto dessa convicção, o pregador calvinista deve com todo fervor pregar a todos que Deus coloca ao

seu alcance. Deve chamar todos, urgentemente, à salvação e crer que o próprio Deus realizará seus propósitos na salvação ou na condenação de seus ouvintes.

Fica assim, um desafio aos calvinistas da atualidade: que mantenham com a mesma fidelidade as bandeiras bíblicas da eleição eterna e da fervorosa pregação do evangelho aos perdidos. Bandeiras que no passado foram levantadas por Calvino e pelos expoentes calvinistas do Sínodo de Dort e que não podem faltar àqueles que querem se manter fiéis ao calvinismo histórico.

ABSTRACT

There is a common thought that considers the doctrine of election as opposed to and incompatible with the preaching of the Gospel to all people. It is argued that if God, by election, determined who will receive salvation, it is not correct to require all men to repent and believe in the Gospel. This thought has led some to reject the doctrine of election and some others to deny that preaching should be directed to all, without distinction. This dilemma was introduced to Calvin and to the Calvinists who wrote the *Canons of Dort*, and was rejected by both. This article appeals to sections of the *Institutes* of John Calvin and the *Canons of Dort* that refute the dilemma and support the Calvinist understanding that sees election and preaching not only as compatible, but as mutually dependent. The author illustrates the topic by describing the Arminian argument and its relation with Hipercalvinism, and the Calvinist response in the context of the reformed churches of the Dutch tradition.

KEYWORDS

Election; Preaching of the gospel; Calvinism; Arminianism.